

# Desenvolver é mais do que um projeto

Guiné-Bissau Dirigente de ONG explica que sem continuidade os programas são de sustentabilidade discutível

Jornal de Notícias 15 Aug 2016 Ivete Carneiro ivete@jn.pt



## Programa integrado permitiu reduzir a mortalidade infantil para metade em quatro regiões

Em três anos, a mortalidade infantil nas regiões guineenses de Cacheu, Biombo, Farim e Oio desceu para metade. A das mães reduziu 30%. A média nacional, em 2013, merecia recordes mundiais, com mil mulheres mortas por cem mil nados-vivos e 167 recém-nascidos em mil. Hoje, pelo menos ali, baixou, fruto do Programa Integrado para a Redução da Mortalidade Materna e Infantil (PIMI). Um projeto de quatro milhões de euros que abrange 250 mil pessoas, termina no fim do ano e não pode ser prolongado por ser um programa de financiamento, mas tem promessa de ser replicado e alargado ao território todo em meados de 2017. Um intervalo que pode muito bem deitar tudo a perder.

Ahmed Zaki é o médico egípcio que gere parte do programa em nome do Instituto Marquês de Valle Flor, cofinanciado pela União Europeia (80%), pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e pela Fundação Calouste Gulbenkian. E não tem papas na língua: “Tudo isto é de uma sustentabilidade discutível – o programa precisa de continuação. Enquanto o desenvolvimento for visto como um projeto e não como um processo, nunca vamos chegar lá. São precisos até 20 anos para haver resultados e impacto!”.

### Ensinar coisas simples

Porque o desenvolvimento, garante o especialista, “é um processo que depende do fator humano”. No caso do PIMI, tratou-se de contrariar práticas tribais e comunitárias que não privilegiam a assistência médica, condições miseráveis de instalações sem luz nem água, a falta de preparação dos profissionais e as distâncias às unidades de saúde.

Se parte depende de equipamento, o resto exige formação insistente. Por vezes, de coisas “muito simples de explicar”, como “diagnosticar bem uma pneumonia, uma asfixia do recém-nascido, uma pré-eclâmpsia, a necessidade de cesariana. Ou “atentar em pequenos indícios de gravidez de risco”, ou ainda ensinar médicos a fazer ecografias, anestesia ou cesarianas. “Implica dar aulas e ir diariamente junto deles para ver se assimilaram o conhecimento”.

Depois, há que evitar erros como dar formação em bancos de sangue num país sem energia. Aconteceu, garante Ahmed Zaki. O PIMI incluiu, aliás, a montagem de seis bancos fotovoltaicos – 42% da mortalidade materna pós-parto deve-se a hemorragia. E incluiu a subsequente

formação. E incluiu reabilitações de sete hospitais e 42 centros de saúde e ambulâncias. Mas incluiu, essencialmente, presença constante.

### Cortes deixam programa em risco

“Há falta de visão e de política permanente na cooperação, porque é o parente pobre dos Negócios Estrangeiros. Não percebem que a cooperação também é um agente de promoção económica de um país, pelas viagens compradas, o equipamento exportado, os salários pagos e descontados cá”, lamenta o dirigente.

A cooperação merece atualmente 16 milhões de euros. Tinha alocado 54. “Não vale a pena fazer cooperação de manchetes e discursos”, diz. O próximo PIMI está orçado em 12 milhões, dez da UE e dois a angariar. “Se não vier algum apoio da cooperação portuguesa, vamos ter de declinar o convite da UE...”